ANNO X
NUMERO 238

A ARTE MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

LAMBERTINI

Representante dos Editores Francezes

Edições economicas de Ricordi, Peters, Breitkopf, Litolff, Steingräber, etc.

Partituras de Operas

Antigas e modernas para piano e para canto

Leitura musical por assignatura

500 réis mensaes

Peçam-se catalogos

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior qualidade

Especialidade em cordas italianas

para violino, violoncello, contrabaixo, harpa, etc.

43, 44, 45, Praça dos Restauradores, 47, 48, 49

LISBOA

Augusto d'Aquino

Rua dos Correeiros, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Ásiahaus

Hamburgo, 8

AGENTES EM ..
Anvers — Joseph Spiero — *51, rue Waghemakere*
Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — *67, Grand Quai*
Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — *12, 14, rue d'Enghien*
Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — *Leadenhall Buildings, E.C.*
Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — *The Temple-Dale Street.*
New-York — Joseph Spiero — *11. Broadway.*

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986 End. tel. CARLASSEN — LISBOA

GUARDA-MUSICAS

NOVIDADE

DA

Casa Lambertini

Modelos exclusivos

Enviam-se catalogos illustrados a quem os pedir.

SÓMENTE Á VENDA

NA

Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: —Londres, 1862 *(diploma d'honra);* Paris, 1867; Vienna, 1873 *(medalha de progresso, a maior distincção concedida);* Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

LAMBERTINI

Pianos das principaes fabricas: **Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto,** etc.

Musica dos principaes editores — Edições economicas — Aluguel de musica.

Instrumentos diversos, taes como: Bandolins, Violinos, Flautas, Ocarinas, etc.

Peçam-se os catalogos

PRAÇA DOS RESTAURADORES

ANNO X — Lisboa, 15 de Novembro de 1908 — NUMERO 238

A ARTE MUSICAL

Revista publicada quinzenalmente

Proprietario e director

M chel'angelo Lambertini

Redacção e administração: P. Restauradores, 43 a 49—Composto e impresso na Typ. do ANNUARIO COMMERCIAL, P. Restauradores, 27

SUMMARIO — Georges Marty — A Sonata *(conclusão)* — Theatro da Trindade — Pelo estrangeiro — Notas Vagas — Concurso de Musica Portugueza — Noticiario — Charada Musical.

Georges Marty

Os jornaes estrangeiros trazem-nos a noticia da morte d'este notavel musico, que como chefe d'orchestra, professor d'harmonia do Conservatorio de Paris, e ainda como compositor, evidenciou sempre as qualidades artisticas com que a natureza prodigamente o tinha dotado.

Georges Marty succumbiu a uma doença de figado que se lhe agravou no seu regresso de Vichy, onde esteve dirigindo os concertos do casino.

O seu caracter franco e recto, a sua modestia e excessiva amabilidade faziam de Marty um dos mestres mais queridos.

Sob a sua impulsiva direcção a *Sociedade de Concertos do Conservatorio* modernisou-se gradualmente.

Sem deixar de prestar o devido culto ás obras classicas, e fazendo ouvir as producções mais colossaes de Bach e Beethoven, a *Sociedade de Concertos* abriu as suas portas de par em par aos melhores compositores francezes contemporaneos.

Assim, durante sete annos, continuou Marty a obra de Taffanel.

Georges Marty nasceu em Paris a 16 de maio de 1860. A sua vocação pela arte musical parece não ter sido nunca contrariada, por isso que aos 12 annos, o joven Marty entrou para o Conservatorio. Foi de principio discipulo de Gillette, e mais tarde de Croharé na aula de solfejo, obtendo de 1873 a 1875 as terceiras, segunda e primeira medalhas. Theodore Dubois foi o seu professor de harmonia, e mais tarde, discipulo de orgam de Çesar Frank obteve o segundo premio em 1876 e o primeiro em 1878. Bazin e Massenet foram seus professores de fuga, contraponto e composição, e tendo em 1879 obtido uma simples menção honrosa, Marty recebe o segundo premio em 1881 e o primeiro *grand prix* em 1882, graças á sua bella cantata *Edith*, que lhe valeu a unanimidade de votos na decisão do jury.

GEORGES MARTY

De Roma envia Marty ao Instituto, varios trabalhos: *Merlin enchanté* (poema dramatico de Emile Moreau), *Suite* d'orchestra sobre as *Estações*, e abertura de *Balthazar*.

De regresso á França é nomeado em 1890 chefe dos córos do *Theatre-Lyrique*, fundado por Verdhurt, na infortunada sala do *Eden-Theatre*. Foi ali que se cantou pela primeira vez a admiravel obra de Saint-Saëns, *Sansão e Dalila*.

As massas coraes mereceram os elogios de todos e o mesmo aconteceu com a *Jolie Fille de Perth*, de Bizet, cantada pouco depois.

Começando Marty a tornar-se conhecido foi-lhe confiada a direcção dos córos do *Véron*, de Lalo, no Hyppodromo (1891) e da *Israel en Egypte* de Haendel, com que a *Sociedade das Grandes Audições* musicaes de França realisou uma sensacional audição.

No primeiro dia de fevereiro de 1892 era Marty nomeado professor da classe do canto coral no Conservatorio, logar que Jules Cahen era obrigado a abandonar em vista do seu mau estado de saude. No anno seguinte era Marty contractado para a Opera como chefe do canto. Ahi prestou relevantes serviços e contribuiu para a bella execução da *Gewendoline*, *Djelma*, *Othello*, *Tannhauser*, *Messidor*, *Mestres Cantores*, etc.

Quando Gailhard teve a feliz idéa de organisar os concertos da Opera, recorreu a Paul Vidal e Georges Marty para tomarem a sua direcção.

A primeira audição realisou-se a 17 de novembro de 1895 com o maior successo. Durante duas temporadas, não falando das producções já consagradas, apresentaram os dois notaveis artistas uma serie de obras novas, algumas das quaes vieram confirmar o valor da escola franceza.

A auctoridade, a suggestão attrahente de que Marty deu prova nos concertos da Opera, deviam chamar a attenção d'um director tão activo e intelligente como Albert Carré, e por isso tratou este de lhe offerecer, logo que poude, um logar de chefe da orchestra da Opera Comica (1900).

Ha dois annos que Marty dirigia os concertos classicos do Casino de Vichy, onde continuou a gosar da fama que tão bem soube conquistar.

Em 1904 foi nomeado professor de harmonia no Conservatorio, na vaga deixada por Samuel Rousseau, e em 1905 cantava-se na Opera a sua obra em dois actos, *Dario*, e que foi acolhida com bastante agrado.

Georges Marty morre em plena força da vida, quando cheio de esperança no futuro, contava continuar a obra educativa, que com tão feliz exito tinha encetado na *Sociedade de Concertos do Conservatorio*.

A Sonata

(Concluido do numero antecedente)

Vejamos agora quaes são os materiaes que concorrem na construcção d'esse edificio musical e qual o modo como devem ser distribuidas as suas partes constituintes.

Uma sonata classica (1) é dividida geralmente em quatro numeros ou andamentos.

Primeiro andamento

E' muitas vezes um *allegro moderato* e serve de exordio ou exposição, determinando o caracter dos movimentos que se lhe seguem.

E' constituido por dois *motivos* ou ideias musicaes; o primeiro é o thema inicial, *sujeito*, e o segundo é geralmente uma phrase melodica, de caracter gracioso.

Este primeiro andamento é dividido em duas partes ou *reprises*.

Expõe-se na primeira o thema principal, fixando desde logo nitidamente a tonalidade geral da obra; segue-se um curto episodio que conduz a um repouso sobre a dominante. E' no tom da dominante que se apresenta o segundo *motivo*, seguindo-se um novo episodio e uma curta *coda*. E' de tradição repetir-se esta primeira parte, talvez para que o ouvinte se compenetre bem dos dois *motivos* principaes e os fixe na memoria.

A segunda parte póde ser tratada com maior liberdade e aventurar se mesmo o compositor em tonalidades afastadas. Deve comtudo ter em vista que o *sujeito* ha de reapparecer no tom inicial e resolver do mesmo modo na dominante; mas d'esta vez não ha modulação e o segundo *motivo* faz a sua segunda apparição no mesmo tom, para dar logar a um novo episodio, em que as modulações não distraiam o ouvinte da tonalidade principal e possa o trecho terminar-se com uma *coda* em que a mesma tonalidade fique perfeitamente assente.

Albert Lavignac, em um dos seus substanciosos livros (2) dá o plano do *allegro* de uma *sonata* de Ph.-Emm. Bach (1772), que é interessante reproduzir.

(1) A antiga *sonata* italiana *di Chiesa* obedecia a outros moldes; começava por um *largo* e o final era quasi sempre uma fuga. A *Sonata di Camera* continha, nos seus primordios, um preludio e differentes dansas, taes como minuetes, gigas, pavanas, sarabandas, etc.

(2) *La Musique et les Musiciens*

1.ª PARTE

Motivo principal.....	8 comp.	*Lá maior*
Episodio.....	4 »	—
Repouso na dominante.....		—
Segundo motivo.....	4 »	*Mi maior*
Episodio, com modulações passageiras em *si* maior, *lá* menor, *ré* maior e *mi* menor.....	22 »	—
Coda.....	4 »	—

2.ª PARTE

Desenvolvimento do primeiro *motivo* (mod. passageiras em *fá sust.* menor, *dó sust.* menor, *sol sust.* menor, *ré sust.* menor, *si maior*, *sol sust.* menor, *dó sust.* menor).....	39 comp.	*Mi maior*
Motivo principal.....	8 »	*Lá maior*
Episodio.....	4 »	—
Repouso na dominante.....		—
Segundo motivo.....	4 »	—
Episodio (mod. passageiras em *mi* maior, *ré* menor, *sol* maior e *lá* menor).....	20 »	—
Coda.....	4 »	—
Total...	121 compassos	

Este é o plano de um *allegro* na sua simplicidade nativa e é inutil dizer-se que, com o correr dos tempos, se lhe teem introduzido numerosas modificações de detalhe, sem alterar todavia o grande principio fundamental: — tonica-dominante, dominante-tonica.

Andante

Segue-se um movimento lento, *Largo*, *Adagio*, *Andante*, que constitue, por que assim digamos, a parte meditativa da *sonata*. Aqui o espirito acalma se, e, ou se eleva pela grandeza do pensamento ou se enternece sob o encanto e doçura do sentimento.

O molde do *Andante* é menos rigoroso que o do primeiro andamento. Póde não ser dividido em duas partes. Em muitos casos, sobretudo em Haydn, é uma simples melodia cantavel, confiada a um dos instrumentos e discretamente acompanhada pelos outros.

O *thema com variações* serve tambem muitas vezes, sobretudo em Haydn e Mozart, para preencher esta parte da *sonata*.

Em Beethoven o segundo andamento toma ás vezes proporções geniaes, quer se apresente sob a fórma de simples canto expressivo, quer se revista de intenso accento pathetico, quer tome a fórma de uma *romança* com estrophes delicadamente variadas, como nas *sonatas*, op. 22 e op. 31 (em *sol*), no Septuor e em algumas Symphonias.

Minuetto ou Scherzo

Entre o adagio e o final póde intercalar-se e intercala-se geralmente um numero accessorio, de curtas dimensões e de caracter livre e gracioso.

Haydn e Mozart escreviam *Minuettos* (tres tempos), cuja graça ceremoniosa lembra os requebros da antiga dansa franceza (1). Beethoven substitue o *Minuetto* pelo *Scherzo*, a dois ou a tres tempos, sempre em movimento vivo, e com o caracter animado e brincão, que o proprio nome está definindo.

O modelo musical d'este numero é dos mais singelos.

Divide se em duas *reprises*, das quaes a primeira é bastante curta e termina no tom principal ou em qualquer dos relativos, de modo a poder repetir-se; a segunda parte é mais desenvolvida e acaba forçadamente no tom principal. Segue-se o *trio* (2) que é egualmente feito com duas *reprises* e cuja tonalidade deve ser de facil encadeação com a principal, visto que depois do *trio* se retoma o *minuetto* ou o *scherzo*, mas, conforme a tradição, sem fazer repetição alguma d'esta vez. O numero póde terminar com uma *coda*.

A's vezes, e mais modernamente, o *minuetto* ou o *scherzo* é substituido pelo *intermezzo*, composição de fórma inteiramente livre, á qual se pede apenas que destaque, pelo caracter, dos numeros que lhe ficam proximos e que, pela tonalidade, se encadeie com elles naturalmente.

Quer seja *minuetto*, quer seja *scherzo* ou *intermezzo*, desempenha esta pequena peça

(1) Os *minuettos* d'Haydn caracterisam-se pela vivacidade e capricho, emquanto que os de Mozart teem mais graça e doçura.

(2) Em muitos responsorios de Palestrina e Vittoria (seculo XVI), escriptos a quatro ou cinco vozes reaes, a parte central, ou verseto, era confiada a tres vozes sós, e ás vezes com a menção de *verseto em trio*. Encontra-se uma disposição analoga no *Kirie* ou no *Credo* de algumas missas dos mesmos mestres, ou de outros do mesmo tempo, com o fim manifesto de dar maior riqueza á reentrada do *tutti*.

Parece que se baseia n'isso a adopção da palavra *trio*, para designar a parte central de certas composições instrumentaes, e até dansas, ainda mesmo que o numero d'instrumentos empregados não justifique o termo.

episodica o mesmo papel, na *sonata*, que o bailado na opera.

Distrahe um momento, opéra uma diversão calmante no espirito do espectador, e dispõe-n'o bem para o seguimento da acção.

Final

Este ultimo numero nem sempre tem duas partes, mas o seu caracter dominante é a sepitição frequente e periodica do motivo principal. Os desenvolvimentos, participando da natureza activa e envolvente das ideias primeiras, reanimam o ouvinte pelo encanto da vivacidade ou repousam-no dos andamentos precedentes pela ligeireza do estylo.

A fórma mais vulgar do final é a do *rondó*, e póde determinar-se do seguinte modo: um *motivo principal*, apresentado tres, quatro e mesmo cinco vezes, mais ou menos ornado ou variado, e com cada uma das repetições separada da anterior ou da seguinte por um episodio. A conclusão final, *coda*, accentuará fortemente a tonalidade.

Valemo-nos ainda de Alberto Lavignac para lhe recortar a analyse de um *rondó* de Weber (Movimento perpetuo), com que fecha a sonata op. 24 d'esse fecundo compositor.

N'ella se verá, como em toda a obra bem construida, a preponderancia do tom principal e o cuidado com que o auctor, salvo nos periodos de muito curta duração, soube evitar a repetição das mesmas modulações.

Motivo principal..	15 comp.	*Dó maior*
1.º episodio.....	34 »	—
Tonalidades apenas apontadas: *dó* menor, *lá* menor, *ré* menor.		
Motivo principal..	15 »	—
2.º episodio.....	68 »	—
Com modulações nitidamente estabelecidas em *sol* maior e em.....		*Mi menor*
Motivo principal..	15 »	*Dó maior*
3.º episodio.....	105 »	—
Tonalidades apenas apontadas: *dó* menor, *la* menor, *ré* menor.		
Modulações caracterisadas em...		*Fá menor*
Depois.....		*La b maior*
Depois ainda.....		*Dó menor*
Motivo principal, encurtado.....	8 »	*Dó maior*
4.º episodio.....	55 comp.	*Dó maior*
Com modulações passageiras em *la* maior, *ré* menor, *lá* menor, *fá* maior, *lá* menor, *ré* menor, *mi* menor, depois, por uma serie chromatica d'accordes de septima, *dó* menor, *lá* menor, *ré* menor, *dó* menor, etc.		
Motivo principal, encurtado.....	6 »	—
Coda.....	10 »	—
Total.....	331 compassos	

Haydn e Mozart tambem nos deram varios exemplos de finaes, que, em vez de talhados na fórma do *rondó*, só differem do primeiro andamento na vivacidade e alegria do motivo principal.

Desejámos, sem grande desperdicio de palavras, dar uma ideia aproximada do que é a sonata classica e de qual o encadeiamento tradicional das suas partes componentes. D'ahi a erigir esse plano em lei immutavel vae uma differença. Não ha nada de immutavel em arte, e os proprios grandes compositores, tanto do passado como da actualidade, por mais de uma vez se teem afastado d'esses moldes sem deixar de produzir obras primas, admiravelmente logicas e admiravelmente bellas (1).

Outros os teem seguido á risca, limitando-se a vestil-os com as galas da polyphonia moderna e a enfeital-os com as estranhesas, cada vez mais requintadas, da arte de modular.

Seria preciso um livro para escrever o que tem sido a musica de camara a partir de Beethoven, e para contar as maravilhas que este ultimo seculo nos tem reservado sob esse aspecto d'arte. Hummel, Weber, Schubert, Mendelssohn, Schumann, Cesar Franck, Carl Reinecke, Brahms, Saint-Saëns, Tschaikowski, Svendsen, Grieg, Vincent d'Indy, Ricardo Strauss, Sinding, Dvorak, Lekeu, e quem sabe quantos mais, seriam outros tantos capitulos gloriosos d'esse livro.

Mas nós outros que não podemos ir além d'umas simples notas, já demasiado largas

(1) Ao numero das sonatas irregulares, isto é, d'aquellas em que o auctor se afastou do plano classico, pertence a *Sonata em dó sustenido menor*, op. 27, uma das mais sublimes concepções do genio de Beethoven, a *Sonata em la bemol*, op. 26, do mesmo mestre, a *Sonata*, op. 7, de Mendelssohn, o celebre *Quinteto* de Schumann, etc.

São obras, de maior ou menor fantasia, concebidas n'um estylo semelhante ao da *Sonata*, e conservando-lhe no entanto o nome, por não haver outro que melhor as defina.

talvez para o restricto quadro de uma revista, temos que parar em Beethoven, como sendo o artista que melhor soube consubstanciar, n'este campo d'arte, as tentativas, ás vezes incertas, do passado, com as justas aspirações do porvir.

Porque a obra de Beethoven, onde tudo se deduz e se encadeia, e d'onde não ha cousa alguma a supprimir, contém sempre para todo o espirito serio, e apezar dos perigos da imitação systematica, uma profunda lição d'arte e um germen eterno de belleza.

Theatro da Trindade

Bohemia

Com uma enorme concorrencia, realisou-se ante-hontem a *reprise* da *Bohemia*, que ha dois annos obteve um grande successo.

O desempenho da opera de Puccini foi agora confiado a outros artistas que diligenciaram satisfazer as exigencias da partitura, apezar do genero da opera não se coadunar com o temperamento artistico d'alguns executantes.

A sr.ª Fragoso que nos deu no *Barbeiro* uma *Rosina* de apreciaveis qualidades, e cuja facil vocalisação a torna uma cantora que poderá afrontar os escolhos das partituras do genero ligeiro, encontra-se um pouco deslocada na parte de *Mimi*.

Nem o caracter da musica, nem o do personagem, que como se sabe, é altamente dratico, se prestam a fazer brilhar os incontestaveis dotes artisticos da intelligente cantora. Ainda assim, agradou-nos a fórma como disse a sua parte no quartetto, o que lhe valeu uma justa ovação.

Da parte de *Musette* encarregou-se a sr.ª Delfina Victor, que deu ao personagem a desenvoltura e graciosidade que elle requer, cantando a valsa com sentimento, e dizendo todas as phrases do quartetto de modo a merecer os maiores elogios.

Julio Camara, mais á vontade na parte de *Rodolfo* que na de *Almaviva*, visto que não tem na *Bohemia* as vocalizações que tornam a partitura de Rossini d'uma grande difficuldade, deu a toda a opera uma execução bastante correcta. Desapparecendo de futuro algumas hesitações que hontem se notaram, e tratando de se aperfeiçoar na arte dramatica, poderá de certo Julio Camara, incluir a opera de Puccini no seu repertorio.

Mauricio Bensaude, o cantor fino por excellencia, e além d'isso com qualidades de actor que não são vulgares nos que seguem a carreira lyrica, deu-nos um *Marcello* de primeira ordem, assim como já nos tinha dado um *Figaro* que mereceu as elogiosas referencias que então lhe dirigimos.

GABRIEL PRATAS

Conde *(Schaunnord)*, Gabriel Pratas *(Colline)*, Setta da Silva, Correia e Mathias, houveram-se por fórma a darem o maior relevo aos personagens que desempenharam, sobresaindo porém Gabriel Pratas que, como no *Barbeiro de Sevilha*, mostrou possuir qualidades apreciaveis de cantor e comico, tendo portanto jus a que o seu retrato, que hoje publicamos, figure entre os dos artistas com que a empreza conta para levar a cabo a sua iniciativa.

A orchestra sob a direcção do maestro Filgueiras assim como os córos, contribuiram para estabelecer um conjuncto bastante apreciavel.

L. C.

Pelo Estrangeiro

Do nosso querido director recebemos a seguinte carta:

Bom amigo

Datando-lhe esta carta de Londres não tenho nem podia ter a ambição de lhe dizer cousas ineditas ácerca dos inglezes e da sua musica, cousas que pudessem realmente interessa-lo a si ou aos leitores da nossa *Arte Musical*.

Não é em meia duzia de dias que se estuda uma cidade como Londres, que, sob o aspecto que nos occupa, se me affigura d'uma complexidade mais que desnorteante. Mas não parecerá pretensão nem pedantismo que, modesto observador do que fôr vendo e ouvindo de mais caracteristico, musicalmente falando, eu lhe transmitta algumas rapidas impressões d'este meu passeio, quer o meu

amigo as guarde no *dossier* da correspondencia particular, o que seria para mim o cumulo da fortuna, quer se lembre de as fazer passar pelas forcas caudinas da publicidade.

Ha duas doenças endemicas, que parece affectarem, de modo assustador, a sociedade ingleza. Uma d'ellas é essa eterna mania de movimento e de viagem que atormenta os que d'ella fazem parte e constantemente os desloca de um ponto para outro, sem treguas nem descanço. A outra é a melomania, uma melomania desenfreada, que attinge, ao que tenho visto, todas as classes sociaes, que assume sempre uma certa gravidade, sendo até muitas vezes impotentes os recursos da sciencia para a debellar.

Já a bordo do *Lanfranc*, que me trouxe até Fishguard em mar bonançoso e chão, formulara eu esse juizo — pois entre os 60 e tantos passageiros que esse bello barco transportava, na sua maioria inglezes, eramos pelo menos dezoito pianistas! Conte se ainda um barytono falhado, tambem inglez, o medico de bordo, e... o creado da sala, tocando cithara, nas horas vagas...

Se lhe disser agora que durante os quatro dias da viajem tudo isso tocou, soprou, arra-

SIR STANDFORD

SIR SULLIVAN

SIR MACFARREN

QUEEN'S HALL — Fachada principal

nhou e martelou os ouvidos do proximo, imagine o meu amigo a furia musical dos taes senhores!

Já se póde por ahi ter uma ideia do apreço em que o inglez tem a musica e sobretudo a que elle proprio faz.

HANS RICHLER

MISKA ELMAN

E como a faz? Francamente, se as minhas impressões antigas já não eram muito favoraveis n'esse particular, as repetidas audições do *Lanfranc* não m'as vieram de certo modificar... para melhor.

Ouvi e estudei uns poucos de *sujets* e notei em todos elles (amadores de salão, é claro) o mesmo conhecimento musical, a mesma facilidade de leitura *à vue*, as mesmas predilecções musicaes de modesto alcance e a mesma semsaboria de interpretação.

Não foi por isso sem um natural e justificado receio que puz pé em terra firme. Sabia comtudo o que aqui me esperava em materia de musica, e sabia principalmente que esta movimentada Londres é a terra da promissão de todas as notabilidades da arte e tambem, por que não dizel-o, de todas as nullidades da arte.

Ha portanto, para o *buon gustaio* da musica, uma selecção a realisar. E é isso o que tenho diligenciado fazer, tanto quanto me seja possivel.

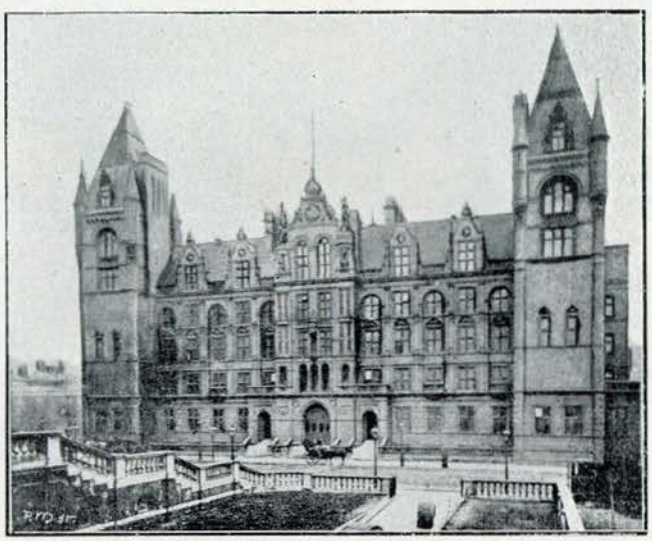
Interessava-me, primeiro que tudo, apreciar até onde póde ir a Inglaterra artistica, sem intervenção de elementos estrangeiros. Tive occasião de o fazer no domingo, 25, em um *Grande Orchestral Concert*, dos que a *National Sunday League* promove *for the People*, e que (ai de mim!) começou ás 7 horas para acabar ás 9 1/2. Effectuou-se no *Queen's Hall*, magnifica sala de 3:000 loga-

O «LONDON TRIO»

res, confortavel e rica. Estavam 2:999 inglezes e este seu creado — todos attentos, respeitosos, applaudindo quasi sempre no bom logar e interessados seriamente no que estavam ouvindo.

Pena foi que não dirigisse a orchestra o famoso Wood; ainda assim o *conductor* que me foi dado apreciar, Lyell-Tayler, por certo menos famoso, não deixou de fazer-me optima impressão na *Pathetica* de Tschaikowsky (6.ª symphonia), cujas bellezas diligenciou detalhar com rigor e propriedade. Se disser que a sua orchestra é ás vezes um pouco *grossa*, e que, principalmente na percussão, se preoccupa quasi sempre demasiado com o exagero da sonoridade, não sou em extremo severo no meu julgamento, mas não deixei por isso de a applaudir com inteira satisfação e sinceridade em muitos momentos felizes.

O que lhes não perdôo é terem-me escortinhado a deliciosa *Suite do Casse Noisette* do maestro Tschaikowsky e subpreticiamente roubado metade da symphonia do *Guilherme Tell*, sob pretexto de que, por ser domingo, o concerto havia de acabar forçosamente ás 9 1/2! Isso é que me pareceu inglez, de mais; não era melhor fazer um programma mais curto e toca-lo inteiro?



ROYAL COLLEGE OF MUSIC

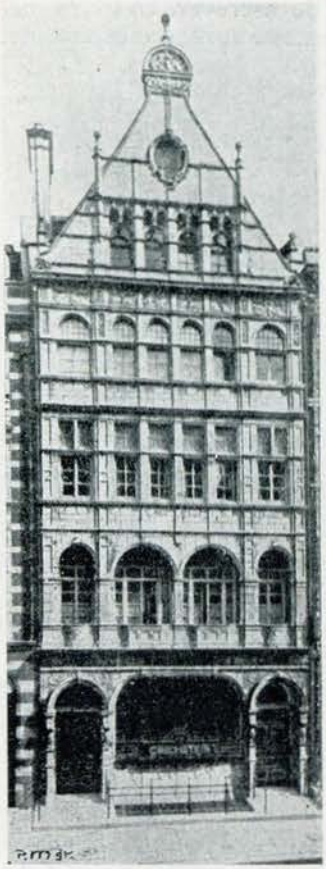
Tambem houve solistas n'este concerto: — Miss Caroline Hatchard (uma franceza?), Mr. Robert Evett (do Daly's Theatre) e M. Isador Epstein — este pianista, os outros dois, cantores, todos de mediana craveira.

Foi sem duvida mais interessante o concerto do dia seguinte, no Queen's Hall, dado que a orchestra era, julgo eu, a melhor d'aqui, a *London Symphony Orchestra*, e dado que com ella pude admirar o dr. Richter, o grande mestre wagneriano, e o já celebre Misha Elman. Não é agora a occasião de apreciar esses dois luminares da arte, um ainda na aurora da vida, outro no apogeu de uma das mais brilhantes carreiras musicaes do nosso seculo. Basta que lhe diga que é difficil egualar a seriedade e respeito com que Hans Richter interpretou todo o programma! A Symphonia em sol menor, de Mozart, sobretudo, deixou me literalmente enthusiasmado, pela graça e nobreza com que os mais pequenos pormenores foram traduzidos. E note-se que não tinha debaixo de mão uma orchestra, em que pudesse estar plenamente seguro, deixando até algo a desejar as trompas e outros metaes em muitos pontos importantes das *ouvertures* de Weber e Glazounow.

Quanto a Misha Elmann, no *Concerto* (op. 35) de Tschaikowsky e na *Romança* em sol de Beethoven, mostrou que poderá em breve enfileirar ao lado dos grandes. Longe ainda da prodigiosa virtuosidade d'um Kubelik, tem sobre este a grande, enorme vantagem de ter... coração. Assim, a sua *Romança* e os passos d'expressão do seu *Concerto* foram uma verdadeira delicia, tanto mais que a sonoridade é linda, apezar de, infelizmente, um pouco delgada.

Seguem-se e accumulam-se aqui os concertos com uma frequencia estonteante. Se eu quizesse musica a partir das 3 horas da tarde até ás 10 e meia da noite (pois que a esta hora acabam geralmente os concertos), tinha-a todos os dias, de melhor ou peior quilate. Mas... nem só de musica vive o homem.

Ainda assim, rara tem sido a noite em que não assisto a uma audição musical. A de 27 do mez passado, se as minhas notas não falham, foi destinada ao *London Trio*, um excellente grupo composto de Madame Amina Goodwin, *Signor* Simonetti e Mr. Whitehouse, respectivamente piano, violino e violencello. Realisou-se o concerto no Æolian Hall, sala de 560 logares, o mais simples possivel, estucada a branco, com dourados muito sobrios. A montra de um grande orgão, em madeira preta, com os seus tubos dourados, é que constitue a unica decoração da sala, em cujo topo opposto se vê uma galeria para logares de pouco preço. O tecto é



SALA BECHSTEIN
Fachada

abobadado e a illuminação corre ao longo das paredes. A acustica é excellente.

Quando para lá me dirigia tive um curioso aperitivo... musical. Cantava-se em plena rua um dueto de soprano e baritono com acompanhamento... (oh! manes de Santa Cecilia) com acompanhamento de realejo!

E' notavel como aqui se cultiva o realejo. Affirmo-lhe, sem *blague*, que debaixo d'uma furiosa batega de agua vi ha dias um carro de mudanças, transportando mobilia e na trazeira da carroça um realejo — tudo coberto com um enorme oleado. Pois por baixo do oleado ia tambem um homem a dar á manivella!

Voltemos porém ao *London-Trio*. Mostrou-se elle no grande *Trio*, op. 97, de Beethoven e em uma *Fantasia-Trio* de Frank Bridge, musico londrino de nomeada. Bem notavel a execução d'essas peças, apesar de me parecer a *madama* um tudo nada nervosa. Ha conformidade de sentimento e de estylo e equilibrio de valôres sonoros: interessaram-me por isso muito os triistas e voltarei a ouvi-los. Cantou tambem uma senhora, Miss Muriel Little, varios *lieder* allemães, e lembra-me, a proposito da cantoria, que uma simples folha de papel com o programma e letra dos *lieder* se vendia a tres *pence*, o que não é nada barato, e estava apezar d'isso em todas as mãos.

Consagrei o dia seguinte á visita do *Royal College of Music*, magnifico edificio onde se apura o viveiro da melomania ingleza. Tive occasião de vêr algumas das magnificas aulas onde se lecciona o canto, o piano e todos os outros instrumentos; não lhes falta conforto e mesmo elegancia, com o seu piano de cauda em cada uma, moveis estofados, retratos, flôres, etc. Fundado em 1883, conta hoje uns 70 professores e cerca de 450 alumnos. A sua sala de concertos é espaçosa e commoda, sem luxo; deve ter uns 700 logares e remata com um bello orgão.

E' no *Royal College* que está installado o pequeno, mas para mim interessantissimo, *Museu Donaldson*, cuja collecção d'instrumentos é bastante preciosa e foi objecto d'uma demorada visita. Entre as peças mais ricas do museu conta se um *clavicytherium*, que pertenceu ao Conde Correr (Veneza — seculo XV) e que se suppõe o mais antigo instrumento de teclado e cordas que até hoje tem apparecido. Ao lado d'este precioso antepassado do cravo, cuja extensão de teclado pouco excede a tres oitavas, figuram outras peças de valor, um *clavicembalo* de Trasuntini, com a data de 1531, uma curiosa *viola di bardone*, com uma serie de cordas sympathicas por baixo e ao lado do ponto, dois lindos *chitarroni* do seculo XVII, um *rebec* do seculo XV, que aqui á puridade me pareceu uma falsificação indecente, duas outras sanfonas *organisadas* do seculo XVIII, umas quinze *pochettes*, qual d'ellas a mais linda, e uma collecção de alaudes, theorbas e violas, ricamente marchetadas de marfim, madre-perola e madeiras preciosas. Tambem lá vi valiosos autographos de Mozart, Spohr, Paganini e J. J. Rousseau, e a representar o nosso modesto paiz, um machete de cinco cordas.

A' noute outro concerto, é claro; ha que aproveitar a monção.

Coube a vez ao *Quarteto Klingler*, na Sala

QUARTETO KLINGER

Bechstein. Sem querer *fazer réclame*, como algum malevolo poderia suppôr, devo dizer-lhe que a casa Bechstein é talvez o mais importante estabelecimento musical de Londres, onde aliás pullulam as casas de pianos e de musica. Tive occasião de o visitar *de fond en comblee* affirmo lhe que me passaram pela vista mais de mil pianos de todos os modelos d'aquella importante casa, alguns com decorações de grande luxo e riqueza. Occupa diversos predios contiguos em uma das ruas mais importantes da capital ingleza. Um d'esses predios é exclusivamnte destinado aos *studios*, ou salas de aluguer para os professores que ali fazem os seus cursos; são em numero de 42, todas ellas commodamente installadas e mais que confortaveis. Outro predio é destinado á sala de concertos e suas dependencias; d'esse lhe remetto a gravura, para a reproduzir na *Arte Musical*. O interior é sobrio e elegante; assemelha se um pouco, na architectura ao Æolian Hall, mas não tem orgão, e no fundo da sala, do lado do estrado, vê-se uma composição polychroma, em baixo relevo, que dá ideia, *à s'y méprendre*, d'uma grisalha de Veneza. Tem 600 *fauteuils* de velludo *mousse*, que lhe dão um ar distincto e serio.

Tem condições de ventilação e arejamento completamente excepcionaes. Os apparelhos e motores electricos destinados á resolução d'este importante problema são copiados dos hospitaes de Londres, conseguindo se com elles uma temperatura sempre adequada á estação e o completo renovamento, de oito em oito minutos, de todo o ar contido na sala.

Ahi se effectuou a apresentação do quarteto allemão com um programma de luva branca — *Quarteto* em lá menor de Schumann, *Quarteto* em sol menor, com piano, de Mozart e *Quarteto* op. 74 de Beethoven. Tiro o meu chapeu, n'uma reverencia, a Karl Klingler e companheiros, que souberam enthusiasmar me por vezes, apezar de já não têr o enthusiamo facil. Como porém não quero perder a minha antiga fama de *má lingua*, sempre direi que o segundo violino me pareceu um pouco debil de sonoridade e o primeiro, como quasi todos os *primeiros*, demasiado caloroso. Notarei tambem, para ser justo, que Miss Fanny Davies, pianista ingleza muito apreciada aqui, se me afigurou extremamente assucarada no seu Mozart. E' Mozart, todo cheio *di grácinha*...

Desconfio ter chegado ao periodo agudo da tal *doença*, que me assacam, naturalmente com carradas de razão. Parece me portanto optima a occasião de retirar a bastidores, ficando o resto para a outra vez. Demais, o meu amigo deve estar cançado de me aturar, e eu tambem de escrever. Despeço me pois com um affectuoso abraço e repito me

Londres-31-Outubro-908.

Seu sincero admirador e amigo

LAMBERTINI.

CARTAS A UMA SENHORA

122.ª

De Lisboa

Haveria talvez interessantes cousas a fazer-lhe agora passar pelos olhos se a minha penna, que decididamente começa a emperrar, d'ellas soubesse tirar os necessarios e naturaes effeitos.

Mas, que quer? a acção do meio não é uma figura de rhetorica, ou um bordão de palrador; existe, pesa, escravisa, e em determinados momentos faceta em absoluto as suas victimas.

Ora no presente momento uma d'ellas sou eu, e por mais que queira, não logro furtar-me aos effluvios doentios da atmosphera portugueza sobre aquella porção do meu ser que mais conscientemente procura interferir na nossa vida social.

O ambiente é hostil para alguns e irrespiravel para muitos. Caminha-se de suspeição em suspeição. Esfriam amisades e até parece que antes se cultivam odios. A tolerancia, a tolerancia bemdita e acalmadora, ridente flôr amada, das almas que a civilisação tocou e que a bondade foi espiritualisando e engrandecendo, a tolerancia creio que dobrou as petalas e recolheu a corolla, como se um vento aspero, ou um sol de fogo ameaçasse crestal a ou desfazel a.

E' claro, que creio ser isto uma passageira intercadencia de sombra na luminosa marcha para a frente; como, porém, nunca ninguem jámais soube a duração exacta de taes paragens no movimento ascensional dos povos, que como o nosso teem numerosa impedimenta a atravancar-lhe o caminho, e esse chamado *mau quarto d'hora* póde equivaler a insupportaveis e cruciantes horas de tortura

moral e de depressão physica, succede que, mesmo sem querer, me sinto abatido e desorientado, sem energia para luctar, sem coragem para soffrer.

E, quando me ferem factos como esse de ha ainda alguns dias, do brusco desapparecimento do mallogrado Alberto Costa, o saudoso *Pad'Zé*, ultimo abencerragem da juventude-jovem e da alegria-alegre, que me foi dado conhecer, póde acaso estranhar a minha amiga que o meu primeiro e instinctivo movimento seja o d'um atroz desanimo?

Já agora, para ser brutalmente franco, chego a pensar que, se outros mais não fazem o que fez o chorado morto, é por não terem a coragem d'elle e porque menos fortes ou mais illaqueados pela morna corrupção envolvente, já em parte perderam a divina faculdade da reacção facil, e pouco a pouco se foram deixando entorpecer e delir.

Em semelhante estado de espirito, bem comprehende, querida amiga, que os assumptos desfilam por mim sem que nem sequer um instante os fixe, e os factos, mistér se torna que sejam contundentes ou tragicos para me obrigarem ao menos a observar-lhes os contornos.

E no emtanto, como no bello soneto de Anthero, dentro em mim alguma cousa, alguma força insita e inexplicavel, ininterruptamente proclama o bem e no seu advento firmemente crê.

Eis por que, não obstante o crocitar dos corvos e o pretendido predominio dos regressivos e dos inaptados, dos que gostariam de ver-nos esmagados pela pata selvagem dos derradeiros representantes do reaccionarismo torvo e sanguinario ou immolados ás ambições inconfessaveis da odienta oligarchia de falsos detentores do Poder e de atrabiliarios representantes da Ordem, não hesito em reputar vencidos pela consciencia e dominados pela sciencia todos quantos pretendam antepor-se á victoria dos bons que saibam ser justos, e dos justos que não se esqueçam de ser humanos.

Sómente, boa amiga, quantos tropeções ainda na nossa jornada, e que de passos dados em falso, ou forçados parenthesis imprevistos!

Entretanto, levando por viatico a doçura, e por companheira a generosidade e a paciencia, acredito ser possivel proseguir na viagem e attingir por fim qualquer dos sagrados cumes onde uma das faces da Verdade alveja.

O que é necessario é que todos nós, os bem intencionados, entenda-se — façamos obra de solidariedade e de amor; e, agora mesmo, para de certa maneira dourar com uma restea de luz o meu annuviado espirito, chega-me d'essa Coimbra de poesia e de côr a grata, a alentadora nova de que, graças á acção apaziguante da bemaventurada musica, vae de novo revivêr para o triumpho e para a concordia, esse malaventurado Orpheon de 1880 que a iniciativa ardente e a phantasia rica de João Arroyo conseguira crear e organisar, e possivel será que os lamentaveis fermentos de dissidio social e de dissenção escolar que ameaçam levedar no meio academico, incompatibilisando pessoalmente rapazes que só para a confraternidade devem tender e só na harmonia devem mover-se, possam ser fortemente varridos d'aquelle ambiente de alegria e de seiva, de alacridade e de sonhos...

Ah! Se o meu dilecto Antonio Joyce conseguir o milagre supremo de unir pelo laço sagrado da divina arte, que com tão alta distincção já serve, os elementos pouco avindos que n'um meio florido e risonho se digladiam aguerridos e feroses, em vez de se congraçarem na communidade de altos intuitos e de nobres emprehendimentos, que inestimavel serviço haverá prestado á convergencia social e á dignidade da rasão, e como o seu nome, onde cedo já começa a dar em cheio um fecundo raio de justificada sympathia e de discreta mas merecida celebridade, terá ganho pleno direito a uma alta consagração, a que solicitos virão associar-se um dia os irreflectidos e irreductiveis adversarios de hoje.

Ah! Mocidade, mocidade, a hora que passa e que fere, que enthusiasma e que illude, póde agora desunir-vos a muitos por futeis incidentes do acaso, mas vós não podeis, sob pena de fallirdes, mentir ao vosso destino que é ascender, ascender sempre para mais luz, para maior verdade, para menos incompleta justiça.

Assim, eu vejo-vos ou quero apenas ver-vos congregados em volta de tudo o que edifica e que melhora, que consola e que esclarece, que levanta e que impulsiona, e na musica não se vos afigura que todos vós podereis commungar a mesma divina hostia do eterno Ideal, que revestindo em cada um de nós um aspecto proprio é afinal formado d'uma essencia unica infinitamente bella e inegualavelmente pura?

Por mim sinceramente o julgo, e quero embalar-me na esperança que V. Ex.ª, minha senhora, commigo o julgará tambem.

Affonso Vargas.

Concurso de Musica Portugueza

Em vista de varias reclamações que a Sociedade de Musica de Camara tem recebido quanto ao praso relativamente curto para a entrega das obras que deverão ser apreciadas pelo jury, resolveu se que esse prazo seja prorogado até ao dia 31 de março de 1909 inclusivè.

Consta já que serão muitos os concorrentes aos tres premios o que prova que a idéa foi acceite com enthusiasmo por todos que se dedicam á divina arte.

Por iniciativa da colonia allemã em Veneza, será em breve ali inaugurada, n'um dos jardins publicos, um monumento a Ricardo Wagner.

*

O professor Francesco Lo Cicero Romano publicou agora um livro que a revista italiana *Ars et Labor* classifica de notavel sobre uma nova fórma de notação musical.

*

Molière tenta os musicos, diz uma revista italiana.

Ricardo Strauss, o auctor da *Salomé*, depois da *Electra* em que trabalha, dedicar-se-ha ao *Tartuffo*, e Laparra, que escreveu *La Habanera*, vae escrever *O Amphitrião*.

*

Dizem-nos de Paris que o grande pianista Harold Bauer dará ali em novembro dois concertos.

*

O dedicado secretario da Sociedade Filarmonica Madrilena Luis Martinez y Mendez, enviou-nos a seguinte nota dos artistas por essa Sociedade contratados para a temporada de 1908-1909:

Novembro, 25, 28 e 30, Mr. e M.me Schnabel (canto e piano). Director, F. Wolf, de Berlim.

Janeiro, 18, 20 e 22, Quartetto Rose, de Vienna (instrumentos de corda). Director, E. Rey, de Paris.

Fins de fevereiro, 3 concertos (cordas) do quartetto tcheque de Praga. Director, H. Wihan.

Principios de março, 3 concertos do mesmo quartetto.

Abril, 13, 15 e 17, Trio Cortot, Thibaud-Casals (piano e instrumentos de corda). Director, Cortot.

*

Em Londres trata-se de commemorar e centenario de Mendelssohn. Nos meados do junho o Palacio de Crystal organisará um festival em que tomarão parte, sob a direcção de Mr. Cowen, quatro mil musicos e cantores.

*

O nosso grande artista Vianna da Motta acaba de obter novo triumpho em Berlim e Dresde.

Os jornaes allemães tecem os mais rasgados elogios ao nosso illustre compatriota, considerando-o um dos mais celebres interpretes de Beethoven.

Com respeito ao concerto realisado em Dresde diz a *Dresdener Auzeiger* que o successo da cantora (Maria Philippi) foi obscurecido pela execução arrebatadora de Vianna da Motta, que reune a arte apaixonada e fascinadora de Liszt á correcção e maestria de Bulow, ambos antigos professores do nosso incomparavel pianista. Diz mais o critico da citada folha, que a naturalidade com que Vianna pa Motta caracterisou todos os contrastes do Concerto n.º 4 de Saint-Saëns deixou o publico estupefacto, tendo sido obrigado, em vista dos geraes e enthusiasticos applausos, a executar *hors-programme* a *Polacca* de Weber, que lhe valeu nova ovação.

Em vista do successo obtido em Dresde, conta Vianna da Motta realisar ali um recital de piano.

Vianna da Motta foi cumprimentado no *foyer* pelo celebre editor das obras de Chopin na edição Peters Schol.

Charada musical

(A premio)

A decifração da ultima charada é MIMI e o premio coube outra vez por sorte á Ex.ma Sr.a D. Angelina da Cunha e Silva, a quem já fizemos a competente entrega.

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotta. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.
PARIS. — 334 RUE ST. HONORÉ.
LONDON W.—10, WIGMORE STREET.

LAMBERTINI

Representante e unico depositario

dos celebres pianos de

BECHSTEIN

BERLIM—CAROL OTTO—BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

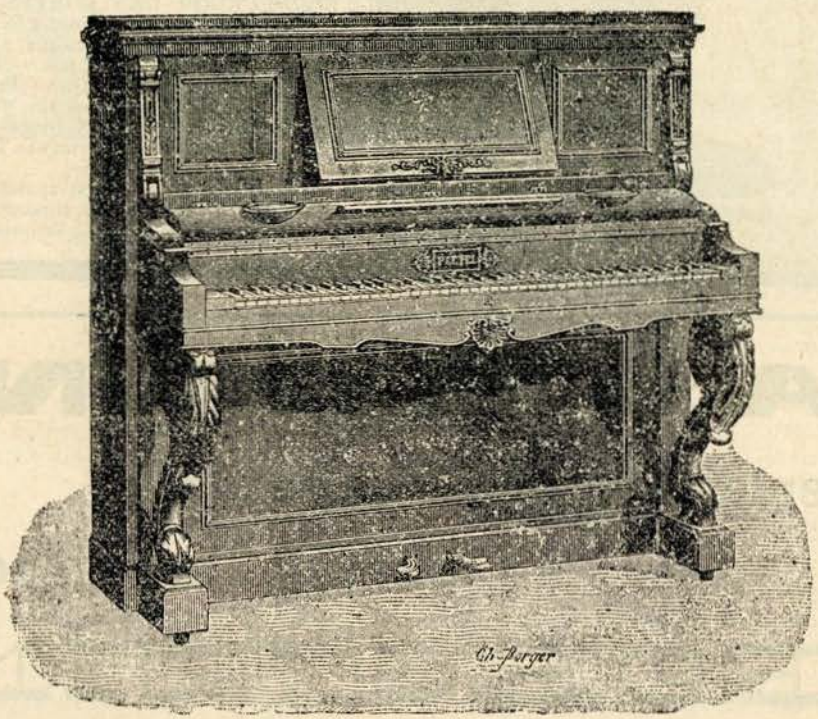
Exterior elegante — Boa sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

PLEYEL WOLFF LYON & C.IE

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS

PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

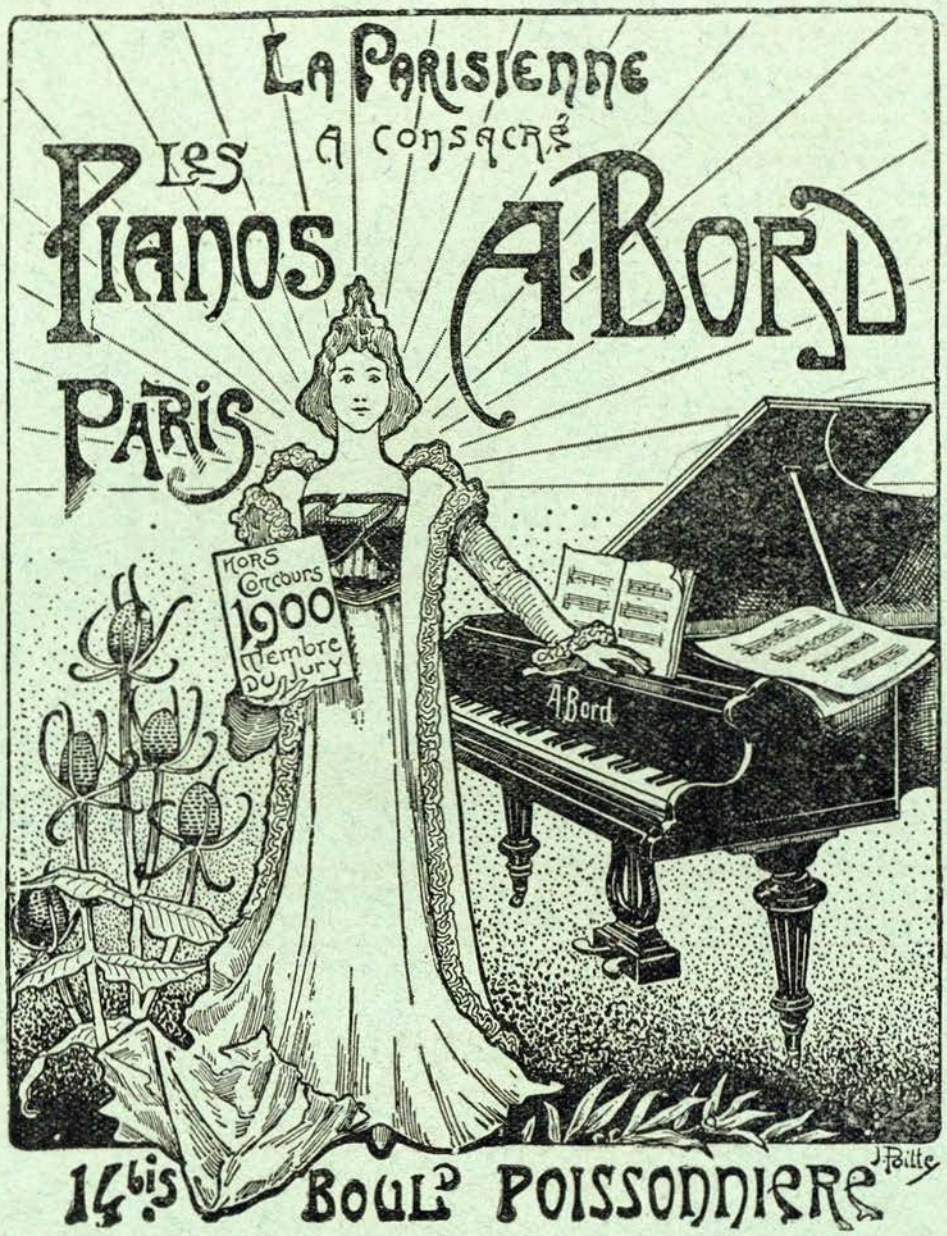
(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor:—ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

PRESIDENTE DO JURY (CLASSE 17) DA EXPOSIÇÃO DE PARIS—1900



Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual	**5:000**
Producção até hoje	**116:000**

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury — Hors concours

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz, professora de piano, *Rua de S. Bento, 56, 1.º E.*

Alberto Sarti, professor de canto, *Rua Castilho, 34, 2.º*

Alexandre Oliveira, professor de bandolim, *Rua da Fé, 48, 2.º*

Alexandre Rey Colaço, professor de piano, *R. N. de S. Francisco de Paula, 48*

Alfredo Mantua, professor de bandolim, *Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º*

Alfredo Napoleão, professor de piano, *Rua do Carmo, 60.*

Antonio Soller, professor de piano, *Rua Malmerendas, 32, PORTO.*

Candida Cilia, profes.ª de musica, piano e harmonium, *L. de S.ta Barbara, 51, 5.º D.*

Carlos Gonçalves, professor de piano, *Rua do Monte Olivete, 2 C., 2.º*

Carolina Palhares, professora de canto, *C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.*

Eduardo Nicolai, professor de violino, *informa-se na casa LAMBERTINI.*

Elisabeth Von Stein, professora de violoncello, *R. S. Sebastião, 9, 2.º*

Ernesto Vieira, *Rua de Santa Martha, 232, A.*

Francisco Bahia, professor de piano, *R. Luiz de Camões, 71.*

Francisco Benetó, professor de violino, *Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.*

Guilhermina Callado, prof. de piano e bandolim, *R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.*

Joaquim A. Martins Junior, prof. de cornetim, *R. das Salgadeiras, 48, 1.º*

José Henrique dos Santos, prof. de violoncello, *T. do Moinho de Vento, 17, 2.º*

Julieta Hirsch Penha, profes.ª de canto, *Travessa Santa Quiteria, 17, 3.º*

Léon Jamet, professor de piano, orgão e canto, *Travessa de S. Marçal, 44, 2.º*

Lucila Moreira, professora de musica e piano, *Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.*

M.me Sanguinetti, professora de canto, *R. da Penha de França, 4, 3.º*

Manuel Gomes, professor de bandolim e guitarra, *Rua das Atafonas, 31, 3.º*

Marcos Garin, professor de piano, *C. da Estrella, 20, 3.º*

Maria Margarida Franco, professora de piano, *Rua Formosa, 17, 1.º*

Philomena Rocha, professora de piano, *Rua D. Carlos I, 144, 3.º*

Rodrigo da Fonseca, professor de piano e harpa, *Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.*

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias..... 1$200
No Brazil (moeda forte)..... 1$800
Estrangeiro..... Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49—LISBOA

Typ. do Annuario Commercial, Praça dos Restauradores, 27.